

a) O REALISMO NO BRASIL

Machado de Assis

“O Realismo é uma reação contra o Romantismo: o Romantismo era a apoteose do sentimento - O Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos - para condenar o que houver de mau na nossa sociedade.”

Eça de Queirós - escritor português — Normalmente, considera-se a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, o marco inicial da prosa realista no Brasil.

A narrativa se volta para a análise psicológica dos personagens, que mostrarão seus comportamentos na sociedade burguesa, amparada em valores materiais e por atitudes mesquinhas. É um romance crítico, realista e documental. As personagens de um romance realista não se resumem ao binômio BEM versus MAL que norteava os romances românticos.

Machado de Assis



Romances: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881); *Quincas Borba* (1891); *Dom Casmurro* (1899); *Esaú e Jacó* (1904); *Memorial de Aires* (1908).

Contos importantes: *Missa do Galo*, *A Cartomante*, *O Alienista*, *O Enfermeiro*, *Um Apólogo*, *Teoria do Medalhão*, *Conto de Escola*.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu a 21 de junho de 1839 no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, filho de um pintor de paredes mulato e uma lavadeira portuguesa. Estudou em escola pública, mas foi a madrastra Maria Inês (a mãe morreu muito cedo) quem lhe ensinou as primeiras letras. Aos dezesseis anos, frequenta a tipografia de Paula Brito, onde se publicava a revista “Marmota Fluminense”. É nessa revista que, em janeiro de 1855, Machado de Assis publicará seu primeiro poema: “Ela”. Logo começa a trabalhar como aprendiz de tipógrafo, depois revisor, e passa a colaborar em diversos jornais. Em 1869, já tendo publicado vários trabalhos de poesia e teatro, casa-se com a portuguesa Carolina Xavier de Novais.

Em 1873 é nomeado Primeiro Oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, iniciando assim uma respeitosa carreira pública que lhe renderia a tranquilidade financeira necessária para trabalhar como escritor. Em 1897, o autor, já consagrado, é eleito presidente da recém-fundada Academia Brasileira de Letras. Com a morte da esposa, em 1904 (mesmo ano de publicação de “Esaú e Jacó”), Machado passa a viver só, abalado por problemas nervosos e pela epilepsia. Quase não sai de casa e vem a falecer em setembro de 1908, no mesmo Rio de Janeiro que o viu nascer.

A crítica especializada costuma classificar a obra ficcional em prosa de Machado de Assis como exemplo do que de melhor se produziu na literatura brasileira em todos os tempos. Em contrapartida, a sua obra para teatro e seus poemas não costumam ter muita repercussão. Seus primeiros romances (“Ressurreição”, “A Mão e a Luva”, “Helena” e “Iaiá Garcia”) representam a chamada uma fase de construção do estilo do autor, basicamente entregue ainda bastante à estética romântica.

A partir de “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*” (1881), porém, o “bruxo do Catete” inicia a sua segunda e mais gloriosa fase — a realista —, que se estende até o fim da carreira com os livros (todos clássicos da nossa literatura) “*Quincas Borba*” (1891), “*Dom Casmurro*” (1899), “*Esaú e Jacó*” (1904) e “*Memorial de Aires*” (1908).

Na fase realista, Machado põe de lado a ingenuidade romântica: indo além das aparências, o escritor busca “os motivos essenciais da conduta do homem”, descobrindo no ser humano civilizado o egoísmo, a luxúria e a vaidade. Por trás dos atos aparentemente bons e honestos (como os do “irmão das almas” Nóbrega, em “*Esaú e Jacó*”; ou o descrito no conto “*O Enfermeiro*”), Machado desmascara a hipocrisia humana. Nem por isso, perde o bom humor; mas o humor machadiano é irônico, amargo, até cruel, marcado pelo extremo pessimismo frente às atitudes do homem do século XIX.

Na luta pelo poder, os personagens se perdem entre as falsas convenções e a moral duvidosa, em que mesmo a religião faz o papel de máscara que serve apenas para encobrir o egoísmo dos indivíduos. O enredo, a ação e o tempo da narrativa deixam de ser lineares na narrativa machadiana. Subordinados ao interesse da análise, os fatos só têm sentido em função do exame da consciência humana. O narrador é um ser de forte personalidade que opina e até ironiza as atitudes dos personagens.

Ao mesmo tempo, faz digressões filosóficas e chama a atenção do leitor para os fatos que ele, narrador, prefere não contar, mas deixa sugerido nas entrelinhas, fazendo com que caiba ao leitor o trabalho de desvendar as verdadeiras histórias por trás de um enredo aparentemente simples. O protagonista Brás Cubas, por exemplo, assiste à vida que teve de algum lugar do além-túmulo e percebe o ser de vida vazia, rico e fútil que foi. Apesar disso, os olhos do narrador sorriem de ironia, ao invés de chorar o arrependimento, o que possivelmente faria um personagem romântico.